

ATITUDES LINGUÍSTICAS AOS TRATAMENTOS O SENHOR/ A SENHORA E VOCÊ EM SALVADOR, BAHIA, BRASIL

LANGUAGE ATTITUDES TOWARDS THE FORMS OF
ADDRESS O SENHOR, A SENHORA, AND VOCÊ IN
SALVADOR, BAHIA, BRAZIL

Sandra Carneiro de Oliveira¹
Universidade Federal da Bahia

Jacyra Andrade Mota²
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Apresenta-se estudo sobre atitudes linguísticas de soteropolitanos em relação às formas *o senhor/ a senhora e você* em Salvador, Bahia, Brasil, no trato geral, pelo pesquisador e entre pais e filhos. A metodologia empregada é descritivista e segue os pressupostos da Sociolinguística Interacional e da Sociolinguística Variacionista. Foram realizadas entrevistas com 49 soteropolitanos, com idades entre 11 e 88 anos. As atitudes observadas revelam a coexistência de sentidos opostos: *Você* é percebido como informal, íntimo e não hierárquico, enquanto *o senhor/ a senhora* demarca respeito, hierarquia, distanciamento. Predomina a preferência pelo *você*, de modo geral e pelo pesquisador, e de *o senhor/a senhora* pelos filhos. São fatores que orientam as escolhas das formas, sua manutenção, variação e mudança: os sujeitos da interação, as crenças e atitudes dos falantes, os contextos de interação, as convenções familiares, o (não)convívio entre gerações (pais, filhos, avós), gênero/sexo, gerações e fases da vida.

Palavras-Chave: Atitudes linguísticas; Formas de tratamento; *O senhor, a senhora, você*.

¹ sandra.carneiro@ufba.br

² jacymota@ufba.br

Abstract: *This paper presents a study on language attitudes in Salvador, Bahia, Brazil, by its people in relation to the use of o senhor/ a senhora (Mr./Mrs.) and você (you), in the general form of address, for the researcher, and between parents and children. The applied methodology is descriptivist and it follows the presuppositions of Variationist and Interactional sociolinguistics. Interviews with 49 people from Salvador, between 11 and 88 years old, were carried out. The observed attitudes reveal a coexistence of opposite meanings: Você is noticed as informal, intimate and equal among conversational partners, while o senhor/ a senhora marks a form of respect, hierarchy and social distance. The preference for você prevails in general and for the researcher, while children tend to use o senhor/a senhora. Some factors that guide the choices of those forms, their maintenance, variation, and change are: the subjects of the interaction, beliefs and speakers' attitudes, contexts of interaction, the family conventions, generations (not) living together (parents, children, grandparents), gender/sex, generations and stages of life.*

Keywords: *Language attitudes; forms of address; O senhor/a senhora, você.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta estudo sobre atitudes de soteropolitanos em relação às formas de tratamento o senhor/a senhora e você, no trato geral e entre pais e filhos. Desse modo, parte-se de questões básicas, tais como: Quais são as formas pronominais utilizadas para tratar os pais em Salvador? O que elas revelam?

Para obter tais respostas, foi constituído um *corpus* com dados de 49 indivíduos, homens e mulheres de 11 a 88 anos, representantes de 16 diferentes famílias, de diferentes níveis socioeconômicos e residentes em diversos bairros da cidade.

A metodologia empregada é descritivista e segue os pressupostos da Sociolinguística. Foram analisados dados de entrevistas planejadas e realizadas para este fim, além de anotações de campo.

Considerando que a Sociolinguística estuda a relação indissociável entre língua e sociedade, língua e comportamento social neste sentido, os conceitos de atitudes linguísticas e de contexto são fundamentais ao estudo.

Conforme Moreno Fernández (2008), a atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida por centrar-se e

referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz em sociedade.

Para Meyerhoff (2006), a atitude sobre a língua é uma percepção ou valoração que se atribui a determinada comunidade linguística, a uma língua ou aspecto específico da língua. Trata-se de crenças sobre a língua, seu uso e seus falantes.

Os componentes das atitudes, conforme Gómez Molina (1998), são cognitivos (crenças e estereótipos), afetivos (avaliações, valoração) e de comportamento (conduta).

Nesta pesquisa foram observadas atitudes linguísticas relacionadas a usos linguísticos específicos e não foi objeto de análise categorizar componentes das atitudes.

O contexto, por sua vez, é entendido como a “criação conjunta de todos os participantes presentes ao encontro e emergente a cada novo instante interacional” (RIBEIRO e GARCEZ, 2002, p. 8). Não se trata de contexto no sentido físico simplesmente, pois “Um contexto pode ser conceptualizado não simplesmente como decorrência do ambiente físico”, mas sim como um “ambiente de significação interacionalmente construído, mediante o que as pessoas estão fazendo a cada instante, de acordo com o ‘onde, o ‘quando’ fazem”. (ERICKSON; SCHULTZ (2002 [1981], p. 217). Para complementar, inclui-se o como fazem.

O contexto exerce influência sobre a linguagem. Aspectos do contexto, como o tipo de ambiente e a situação – que vão requerer maior, menor ou nenhuma formalidade –, podem motivar a necessidade de monitoramento linguístico e influenciar a escolha da forma de tratamento. Desse modo, admite-se que duas pessoas, inclusive pais e filhos, podem se tratar de forma diferenciada, de acordo com a situação de interação em andamento. No espaço do lar (com e sem a presença de entes não familiares), em espaços públicos ou

visitando amigos, os filhos podem ter diferentes formas de tratar os pais, que são baseados em monitoramento. Para dar conta desse aspecto, o questionário contemplou perguntas explícitas sobre as formas de tratamento que os filhos utilizavam para os pais em diferentes contextos.

1 AS FORMAS DE TRATAMENTO O SENHOR, A SENHORA E VOCÊ: BREVE DESCRIÇÃO

Considerando que o tratamento é um amplo conjunto de elementos e que as formas linguísticas constituem apenas uma parte dele (ABREU; MERCER, 1988), apresenta-se nesta seção um breve panorama dos estudos sobre as formas pronominais *o senhor*, *a senhora* e *ocê*.

As formas de tratamento são utilizadas em diálogos ou vocativos, apresentam grande variedade e "estão ligadas a fatores diversos, como intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia, poder" (PRETI, 2000, p. 91-92).

De acordo com Lopes e Mota (1999), os estudos sobre os sistemas de tratamento pronominal de segunda pessoa no português brasileiro (*tu* e/ou *ocê*) demonstraram "um paradigma híbrido ou misto, com variações geográficas, sociolinguísticas e pragmáticas". Diferente do *tu*, que pode sofrer estigma, "o emprego de *ocê* é, por sua neutralidade, amplamente aceito e reconhecido pelos seus falantes nas mais diferentes relações interpessoais e regiões" (LOPES; MOTA, 1999, p. 136-136).

Conforme distribuição diatópica, *ocê* é o pronome de segunda pessoa mais utilizado nas capitais do Brasil, com exceção de Porto Alegre (DEUS, 2009). Na capital da Bahia, Salvador, estudos mostram prevalência de *ocê* sobre *tu*.

Scherre (2020, citando CARDOSO et al, no prelo, e NOGUEIRA, 2013), apresenta 99% de utilização da forma *ocê* entre os soteropolitanos contra 1% de *tu*.

Deus (2009, p. 124), em pesquisa com dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB, sobre variantes de segunda pessoa (*tu / você*) com dados de capitais do Nordeste e do Sul do país, encontrou nos dados a seguinte distribuição das variantes para Salvador: *tu* (2%), *você* (42%) e pronome nulo (56%).

Em que pese a neutralidade da forma *você* e do estigma ao *tu* sem concordância, Salvador mostra-se bastante inovadora neste aspecto. No entanto, mostra-se conservadora quanto à variação entre *você* e *o senhor/a senhora* no tratamento destinado aos pais. Como observado por Carneiro (2014), 78% dos sujeitos entrevistados disseram preferir ser tratados por *você* de modo geral, mas 82% dos homens e 75% das mulheres preferem ouvir *o senhor/a senhora*, respectivamente, dos filhos.

Estudos com dados do interior da Bahia têm registrado maior utilização do *tu* do que na capital baiana. Almeida (2014, p. 223) constatou que em Santo Antônio de Jesus, onde a ocorrência de *tu* e *você* para tratar o interlocutor é usual, "as formas objetivas de referência à segunda pessoa são *te, lhe, o/a, você* e *o senhor/a senhora*" como em "eu não ouvi a senhora me chamar", embora com frequência muito baixa. A autora afirma que na comunidade predomina o uso da forma *você* para os pais pelos mais jovens, embasando-se no que preconiza a teoria de Brown e Gilman (1988 [1960]), que as sociedades são caracterizadas por duas forças que se opõem, poder e solidariedade. No entanto, no interior da Bahia,

Modernamente, porém, nas áreas urbanas, estaria ocorrendo um enfraquecimento dessa polarização com uma tendência ao predomínio da solidariedade, o que, naturalmente, repercute no trato do interlocutor, haja vista, por exemplo, o uso da forma *você* para tratamento dos pais pela geração mais jovem, em detrimento do *senhor/senhora* de outrora. (ALMEIDA, 2014, p. 197-198).

Conforme Almeida (2014, p. 205), as relações sociais do passado, pautadas no poder (*senhor/senhora*), deram lugar à solidariedade (*você*), representada pela maior reciprocidade. Apesar de as formas linguísticas de tratamento refletirem essa mudança de comportamento, o favorecimento de um tratamento mais solidário "não implica que a semântica do poder tenha desaparecido".

Os tratamentos recíprocos podem ser consequências de uma maior informalidade, como colocado por Almeida (2014):

Pode-se inferir que as interações atuais estão mais baseadas na informalidade, o que deve refletir sobre as escolhas das formas pronominais de referência ao interlocutor. Decorre daí o emprego de formas de tratamento mais igualitárias na contemporaneidade. (ALMEIDA, 2014, p. 205).

Carneiro (2014) registra que nenhum informante confirmou tratar ou já ter tratado seus pais por *tu*, o que pode ser explicado: a) pela questão espacial, já que em Salvador a forma predominante é *você*; e pelo fato de *tu* ter certo estigma entre os soteropolitanos. Registra, no entanto, que a forma foi utilizada com função de sujeito por mãe e filha de uma mesma família.

Já a expressão verbal sem pronome (pronome zero), foi incluída como forma de tratamento por um único informante, explicada como esquiva em contexto de conflito, quando evita qualquer nome ou pronome. Para além dos usos conscientes, a estratégia foi observada nos exemplos de grande parte dos informantes. (CARNEIRO, 2014, p. 395-396).

Biderman (1972-1973) já apontava a não generalização da forma de tratamento *o senhor/ a senhora* para os pais no Brasil àquela época, numa tendência de solidariedade, como já acontecia em algumas culturas europeias e na Argentina:

O tratamento de *o senhor, a senhora* dado a um íntimo (superior), aos pais, p. ex., já não é generalizado no Brasil contemporâneo. Nas áreas urbanas das grandes cidades, em meio à geração jovem, trata-se os pais de *você*. Assim também se está verificando no Brasil o mesmo que Brown e Gilman observaram para algumas culturas européias como a francesa, a italiana, a

alemã e que qualificaram como a extensão da semântica da solidariedade em detrimento da semântica do poder. E que Weimberg constatou estar sucedendo em Buenos Aires no presente (BIDERMAN, 1972-1973, p. 366-367).

Modesto (2009), no artigo denominado *Formas de tratamento e julgamentos de valor*, utilizou-se de textos contendo formas de tratamento para questionar a avaliação de alunos e professores de São Vicente, SP, sobre tratamentos dirigidos ao pai, à mãe, à diretora de colégio, aos irmãos e aos colegas/amigos e observou o uso de tratamentos mais formais para pai, mãe e diretora (*senhor/senhora*).

Piccolo (s. d.) afirma que se aprende desde criança que se deve sempre respeitar os mais velhos e para evidenciar a boa educação do falante e o respeito com o interlocutor, netos e netas normalmente tratam seus avós por *senhor* e *senhora*. Do mesmo modo, assinala o autor, “muitas vezes (e ainda) filhos tratam seus pais e mães por *senhor* e *senhora*”.

Segundo Ramos (2011), na sociedade brasileira, a idade tornou-se um fator sociológico importante que tem sofrido reavaliações e a reavaliação tornou-se visível no momento em que os modelos de organização familiar foram alterados. Levando em conta as transformações sociais recentes no Brasil, algumas constatações e hipóteses para a mudança em progresso de *o senhor* para *você* para tratar o pai em Belo Horizonte, seriam as seguintes:

- a) quanto mais jovem, maior frequência de uso do tratamento *o senhor* para o pai; usos de *o senhor* em relações em que há diferença significativa de idade e que o reconhecimento dessa diferença causa desconforto, por isso a opção por *você*. Assim, “na medida em que *senhor* continua a ser associado à idade, seu uso tem sido rejeitado, exceto em situações formais” (RAMOS, 2011, p. 294);

-
- b) *menor distância etária entre marido e esposa* – nas famílias em que as mães são mais novas dez ou mais anos que o marido, os filhos tratam mais o pai por *senhor*;
 - c) *maior escolarização da mulher* – tendo a escolaridade contribuído para a emancipação da mulher, os maiores índices de usos de *senhor* estão nas famílias em que a mãe tem menor escolaridade;
 - d) *maior participação da mulher no mercado de trabalho* – filhos de mães que trabalham fora de casa apresentam menor índice de uso do pronome *senhor*.

Com o objetivo de compreender as avaliações dos soteropolitanos com relação aos tratamentos *o senhor/a senhora* e *você*, este estudo apresenta as atitudes reveladas pelos informantes.

Apresentam-se a seguir a descrição dos dados e a análise dos resultados da pesquisa sobre o tratamento que os soteropolitanos desejam receber da pesquisadora, de outras pessoas e dos filhos.

2 O TRATAMENTO RECEBIDO DA PESQUISADORA

A primeira pergunta do questionário – Como prefere ser tratado(a) de modo geral (ou pela pesquisadora, conforme o entendimento que tiveram da pergunta)? – teve como objetivo conhecer as preferências e atitudes dos soteropolitanos em relação às formas pronominais *o senhor/a senhora, tu* e *você*. Quando questionados sobre o uso do *tu*, os participantes disseram não utilizar.

Como a técnica de coleta de dados principal foi a entrevista semiestruturada, nem sempre a pergunta foi realizada da mesma maneira. Por vezes, a pesquisadora utilizava um pronome de tratamento (*você/cê* ou *o senhor*), outras vezes fazia a omissão, de modo não intencional. No entanto, pode-se observar que a variação não serviu de impedimento para os participantes

declararem suas preferências e impressões (atitudes) com relação às formas de tratamento.

Assim, percebeu-se, ao longo da pesquisa, que a escolha da forma de tratamento pronominal pelo emissor depende, em parte, do conhecimento que ele tem sobre seu interlocutor e da relação entre as partes, quando há. Quando não se sabe nada ou quase nada sobre o outro, busca-se na aparência os critérios para a eleição de um pronome de tratamento (idade aparente, vestuário, estilo etc.), o que não é nenhuma garantia de acertar o que é desejado, para se ter uma relação mais cordial, já que o adequado também é variável e discutível.

Os resultados da primeira pergunta sobre os tratamentos que os informantes desejam receber da pesquisadora e de outras pessoas estão reunidos na tabela a seguir.

Tabela 1: Preferência dos informantes com relação ao tratamento recebido da pesquisadora

| FORMA DE TRATAMENTO | N. | % |
|---------------------------|----|------|
| <i>Você</i> | 38 | 78% |
| <i>O senhor/A senhora</i> | 03 | 06% |
| Sem preferência | 05 | 10% |
| Outros casos | 03 | 06% |
| Total | 49 | 100% |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como se pode observar, a grande maioria dos informantes prefere o tratamento *você*, de modo geral. Apenas três dos participantes disseram preferir ser tratados por *o senhor/a senhora* pela pesquisadora: duas mulheres idosas (de 88 e 73 anos) e um homem (42 anos); cinco responderam que “tanto faz”, não revelando preferência; nos três outros casos, um informante não foi perguntado, um não respondeu e uma resposta não foi registrada.

O fator idade certamente foi decisivo para a maioria dos informantes recusarem as formas *o senhor* e *a senhora* da pesquisadora, com 35/36 anos de idade no intervalo de realização das entrevistas, entre 01/07/2011 e 15/09/2012. O fato de apenas duas idosas (de 88 e 73 anos) declararem a preferência pelo tratamento provavelmente deve-se à atribuição do sentido de respeitoso às formas e, no caso do homem (de 42 anos), é possível que tenha buscado manter formalidade e distanciamento.

O resultado revela a preferência dos sujeitos por relações mais informais e menos hierarquizadas.

A maioria dos que querem ser tratados por *você* pensa diferente quando se trata de pais e filhos. É o que será tratado a seguir.

3 TRATAMENTOS QUE OS SOTEROPOLITANOS PREFEREM RECEBER DOS FILHOS E DE OUTROS

Em resposta às perguntas *Como prefere ser tratado(a) por seus filhos? ou Como gostaria de ser tratado(a) se tivesse filhos?*, dos 38 informantes que responderam preferir *você* dos outros, a maioria deseja ouvir *senhor/a senhora* dos filhos. Os detalhes estão na tabela a seguir:

Tabela 2: Preferência dos informantes com relação ao tratamento com os filhos

| FORMA DE TRATAMENTO | N. | % |
|----------------------|----|------|
| <i>O/A senhor(a)</i> | 20 | 53% |
| <i>Você</i> | 14 | 37% |
| Outros casos | 04 | 10% |
| Total | 38 | 100% |

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dos 38 informantes que desejam ser tratados por *você* pelos outros, 20 preferem o tratamento *o senhor/a senhora* dos filhos (14 homens ou 82% e 24

mulheres ou 75%); 14 preferem *você* dos filhos também. Nos “outros casos” estão dois participantes que não foram questionados e dois que não responderam.

Dos 20 que querem ser tratados por *você* de modo geral e por *o senhor/a senhora* pelos filhos:

- a) 16 (50%) são mulheres com idades entre 11 e 56 anos;
- b) 04 (23%) são homens de 27 a 38 anos.

Os exemplos a seguir ilustram as principais atitudes de soteropolitanos às formas de tratamento analisadas. Objetiva-se, com as citações, destacar as vozes dos sujeitos.

A informante 15, de 53 anos, disse aceitar ambos os tratamentos de outros, mostrando-se atenta às adequações da fala ao interlocutor, mas prefere ouvir *você* da pesquisadora e *a senhora* dos filhos. Aparecem na resposta questões culturais e valores familiares, como respeito.

INF.: Depende muito do momento, né? E de quem você vai se dirigir, mas... eu acho que os dois.

DOC.: Por exemplo, por mim?

INF.: Por você.

DOC.: Por que você?

INF.: Não tem assim um porquê. É uma forma mermo de tratamento comum.

DOC.: E pelo seus filhos? Como prefere: senhora ou você?

INF.: Senhora. O tratamento sempre foi senhora e senhor.

DOC.: E por que pelos filhos senhor?

INF.: É a educação mesmo. Educação e eu acho que já é também o respeito, né?

A informante 23, de 36 anos, também declarou que sua preferência depende do interlocutor e considera que *você* cria clima de intimidade, não é tratamento indicado para alunos ou filhos. Na sua avaliação, *a senhora* serve tanto para demarcar respeito e hierarquia quanto para indicar idade.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratados por *você*, outras por *senhora*. Como você gosta de ser tratada?

INF.: Depende. Se for pelos meus alunos, por *senhora*, mas no geral por *ocê*, com certeza.

DOC.: E por quê? Qual a diferença? Pelos seus alunos...

INF.: Porque *senhora* imprime respeito e, se a gente não colocar um limite na forma como eles tratam a gente, do *ocê*, do chamar de *ocê* pra ter outros tipos de conduta que não demonstram respeito é um pulo. Então, se você já impõe uma barreira na própria forma de tratamento, isso dá pra eles uma sensação de hierarquia, de que existe uma autoridade e que, portanto, exige-se que nessa relação tenha mais respeito.

DOC.: E no geral, você disse que prefere *ocê*...

INF.: No geral, *ocê*.

DOC.: Por que *ocê*?

INF.: Porque eu me sinto mais íntima das pessoas. As pessoas se sentem mais íntimas de mim, né? E também por questão de idade, né? Eu não me sinto uma *senhora* pra ser chamada de *senhora*, né?

DOC.: Certo. Bom, você não tem filhos; mas, se tivesse, gostaria de ser chamada de *senhora* ou *ocê*?

INF.: Com certeza, *senhora*.

DOC.: Certo e por quê?

INF.: Pelo mesmo princípio que eu aplico pra o tratamento com os meus alunos. Por questão de respeito.

A informante 42, de 56 anos, diz gostar de ser tratada por *ocê*, porque esse pronome deixa o outro à vontade, não denota poder, senhorio e por ser mais simples. Conclui dizendo que, como se sente simples, gosta de *ocê*. Mas trata os pais por *o senhor* e *a senhora* e é tratada assim pelo filho adotivo. É o que prefere, por achar bonito e porque diz que filho tem que respeitar a mãe. Assim, aparecem os sentidos para *ocê* e *a senhora*, respectivamente, como não hierarquia, proximidade, simplicidade em contraposição a hierarquia (geral), formalidade (trabalho) e respeito (família).

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *senhora* e outras por *ocê*, como é que prefere ser tratada?

INF.: *Você*.

DOC.: *Você*. Por quê? Qual é a sua ideia desse tratamento?

INF.: Porque sim. É... Quando você fala "*ocê*", *ocê* fica mais à vontade, né? Não tem aquela... Aquele senhorio, aquele poder todo, né? Não sei por que, fica uma coisa mais simples. E como eu sou simples, eu gosto de "*ocê*". (Risos) Se bem que, lá no trabalho, todo mundo me chama de *senhora*. [...]

DOC.: Mas, aí você tem um filho, né?

INF.: Ah, lindo!
DOC.: Ele te chama de *você* ou *senhora* ?
INF.: Ele chama de *senhora* .
DOC.: Certo. E aí por ele? Você prefere *senhora* ou *você* ?
INF.: *Senhora* , porque eu acho lindo e filho tem que respeitar a mãe. (Risos)
É lindo.

O informante 29, de 34 anos, diz que prefere ser tratado por *você* de modo geral. Inicialmente respondeu que também prefere ser tratado por *você* pelos filhos, por não ter idade para ser chamado de *senhor* .

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratados por *você* , outros por *senhor/senhora* . Como prefere ser tratado?
INF.: Por *você* .
DOC.: *Você* . Por que *você* ?
INF.: Acho que eu tenho idade ainda de ser chamado de *você* ... Entendeu?
DOC.: Ok. E por seus filhos, como prefere, *você* ou *senhor* ?
INF.: *Você* também.
DOC.: *Você* também? Por quê?
INF.: Eu não tenho idade pra ser chamado de *senhor* , não... Eu chamaria só uma pessoa mais velha.

No entanto, ao final da entrevista, no tópico como é tratado pelos filhos, o mesmo informante mudou seu discurso. Disse que seu filho de 8 anos o trata por *senhor* e que pretende instruir seu filho menor a fazer o mesmo, para conservar a tradição familiar.

INF.: É, *pai* , é só uma maneira carinhosa que ele tem de me chamar, de se dirigir até a mim. E *senhor* já é uma maneira mais respeitosa.
DOC.: E qual é sua sensação de ser chamado de *pai* e de *paiinho* ?
INF.: Pra mim, é muito bom, véio!
DOC.: Seu sentimento?
INF.: Pra mim é muito bom, porque tá conservando a maneira que eu chamo meus pais, e que meus pais chamavam os pais deles, também.
DOC.: E... e o pequenininho? É... Acho que... Se ele te chamar de *você* , você não se importa? Tanto faz, *você* ou *o senhor* , ou você vai ensinar a chamar de *senhor* ?
INF.: Eu vou... eu vou... instruir ele a me chamar de *senhor* .

Os resultados sugerem que as mulheres são mais tradicionais, exigindo dos filhos o tratamento que denota respeito, o que pode ser explicado pelos seguintes fatos e crenças:

- a) As mulheres têm sido educadas para serem obedientes, respeitadas e até submissas aos pais, o que se reflete no comportamento linguístico. Dentre as mulheres que preferem *você* dos iguais e *a senhora* dos filhos, estão mulheres jovens que não são mães, mas optam pela manutenção da forma que denota respeito, uma questão de crença;
- b) Como as mães geralmente são mais procuradas pelos filhos para conversar, podem observar mais a linguagem dos filhos e se importar com o modo como falam;
- c) Nos casos de separação, na maior parte do tempo, é a mãe quem fica com a guarda ou com a responsabilidade de cuidar dos filhos. Conseqüentemente, por passarem mais tempo com os filhos do que os pais e por serem as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos, as mães podem estar preocupadas em manter a autoridade.

Os exemplos a seguir mostram crenças (declarações a respeito dos sentidos) e/ ou atitudes (comportamentos que interferem na forma de tratamento, como orientar, corrigir etc.) dos sujeitos que preferem a forma *você* de modo geral e que declaram a preferência pela mesma forma no tratamento vindo dos filhos, sejam reais ou imaginados.

A informante 46, de 60 anos, prefere ser tratada por *você* por qualquer pessoa, pois tem a sensação de estar muito velha quando é tratada por *senhora*. Pelos filhos, é o mesmo: prefere *você* e é tratada assim.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *você* e outras preferem *senhor* ou *senhora*. Como prefere de modo geral, na rua...?

INF.: *Você*.

DOC.: *Você*. E com seus filhos é a mesma coisa?

INF.: É a mesma coisa.
DOC.: É? Então me explica. Qual a sua impressão de um tratamento e do outro? De ser tratado de *senhora* ou de *você*?
INF.: Quando me tratam de *senhora* me dá impressão que tô uma velha, velha, velha, velha... O problema é esse.
DOC.: A impressão é essa, né?
INF.: É.
DOC.: E pelos seus filhos como é o costume?
INF.: O costume é *você*, sempre foi...

A informante 17, de 51 anos, prefere ouvir *você* de qualquer pessoa. É tratada assim pelos filhos e diz que não interfere, gosta porque a relação fica mais aberta.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *você* e outras por *senhora*. Como é que *você* gosta de ser tratada?
INF.: Eu prefiro *você*.
DOC.: *Você*? Por que *você* gosta mais de *você*?
INF.: Fica mais impessoal, assim. Não fica tão...
DOC.: Certo. E por seus filhos? *Você* ou *senhora*?
INF.: Pelos meus filhos? Eles me chamam de *você* também.
DOC.: Certo. Por que *você*? *Você* prefere? Gosta?
INF.: Não, eles me tratam por *você* e eu não interfiro, não. Eu gosto. Fica uma relação mais aberta.

O informante 34, de 27 anos, prefere ser tratado de *você* até mesmo pelo filho, porque acredita que *senhor* é para pessoas de mais idade. O tratamento que deseja ouvir do filho, no momento com 9 meses, é mesmo *papai*, dando a entender que mais importante que o pronome de tratamento é o nome de parentesco.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *senhor*, outras por *você*. Como é que prefere ser tratado?
INF.: *Você*.
DOC.: *Você*?
INF.: Isso.
DOC.: Por que prefere *você*?
INF.: Até porque é uma forma de tratamento que me deixa é... Como se eu fosse um pouco mais jovem, né? *Senhor* a gente faz a ligação como se fosse uma pessoa mais de idade.
DOC.: Certo. E *você* já tem um filho.
INF.: Já.
DOC.: Que idade ele tem?

INF.: Tem 9 meses.
DOC.: 9 meses. Bom, então, ele ainda não fala. Mas é... como é que *você* prefere ser tratado pelo seu filho: *senhor* ou *você*?
INF.: *Papai* (risos).
DOC.: *Papai* (risos). *Papai, você; papai, o senhor...*
INF.: *Você, você...*
DOC.: *Papai, você?*
INF.: Prefiro *você*.
DOC.: É... Por que você prefere que o filho chame de *você*?
INF.: Na verdade, é como eu te falei. Prefiro que chame de *papai*. Mas, eu opto por *você* pela aquela questão de não me sentir tão velho.

A informante 44, de 38 anos, prefere ser tratada por *você*, até mesmo pelos filhos. Seu filho a trata assim. Considera a forma mais impessoal. Diz não ser adepta de *senhor, senhora* ou de pedir *bênção*.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *você* outras por *senhora*, como prefere ser tratada?
INF.: *Você*.
DOC.: *Você*. Por quê? Qual a sua impressão desse tratamento?
INF.: Mais impessoal.
DOC.: Certo, e... os seus filhos você prefere *você* também ou já prefere *senhora*?
INF.: *Você*.
DOC.: *Você*. Qual o seu é... Como é que você avalia também ser tratada...
INF.: Eu... Não tenho esse negócio de a... *senhor, senhora, bênção*.
DOC.: Não.
INF.: Não, coisa mais tranquila.

Seu marido, o informante 43, 31 anos prefere ser tratado por *você*, por considerar a forma mais informal e acreditar que fica mais amigável, representa o “sentimento de cumplicidade”. Já tratava seu pai por *você* e é tratado do mesmo modo pela filha de 13 anos. Tratar seu pai assim era, para o filho, representativo da amizade entre eles. Considera *senhor* para os pais muito autoritário e formal.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *você*, outras por *senhor*, como prefere ser tratado?
INF.: Por *você*.
DOC.: *Você?* Por quê? Qual a impressão que você tem desse tratamento?
INF.: É uma coisa mais informal, fica mais amigável.

DOC.: Ok. E com seus filhos, você tem uma filha de que idade? Suas filhas têm que idade?

INF.: Minha filha tem uma de treze e outra de oito meses.

DOC.: Treze e oito meses. Então, agora por elas, é a mesma coisa? Cê prefere *você*?

INF.: Mesma coisa.

DOC.: Por que você prefere *você*, ser tratado de *você* como pai?

INF.: Hum... eu acho que veio... vem de berço. A gente... eu... eu... eu trouxe isso de meu pai, sempre chamei meu pai de *você*, e... acaba deixando essa... é... Acredito que a parte de *senhor* fica muito autoritário, fica uma coisa muito formal, entendeu? [...] Se *você* vai sair? Se *você* vai... “*Você* vai hoje pra festa?” A gente fala assim mesmo.

DOC.: Sei. E o que significa pra você tratar ele assim... o que significava?

INF.: É como eu te falei, é... a... aquele sentimento de cumplicidade, de... de... de... de amizade, nada autoritário, né? Era...

DOC.: Certo.

INF.: A gente era... era bem ami... Éramos bem amigos mesmo, entendeu?

Na mesma família, a informante 45, de 57 anos, prefere de ser tratada por *você* por qualquer pessoa. Casou muito jovem, foi mãe e avó muito cedo e assim, naturalmente é tratada por filhos, noras e netos por *você*. Acredita que o pronome deixa mais à vontade, cria intimidade e amizade, diferente de *senhora*. A atitude foi deixar todos à vontade, sem corrigir, orientar ou exigir forma de tratamento.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *você*, outras por *senhora*.

INF.: Não, pode ser *você*, [Nome da pesquisadora].

DOC.: Qual prefere?

INF.: *Você*.

DOC.: *Você*. Ok. Por quê? Qual é a impressão do tratamento?

INF.: Eu acho que o *você* deixa a gente mais à vontade, né?

DOC.: Certo.

INF.: O *senhora*, o *senhor*, né, sempre... dá um tom de... de... sabe, de... Como eu vou dizer, assim? Não tá vindo a palavra, ultimamente eu tô tendo isso.

DOC.: Não tem importância. Então, é o quê? De distância? Ou de mais...

INF.: É de distância, é de distância, entendeu? E o *você* a gente fica mais à vontade. Se cria uma intimidade, uma amizade, né?

DOC.: Ok. Agora, assim, pros seus filhos é a mesma coisa, prefere *você* ou prefere a *senhora*?

INF.: Minhas noras me chamam de *você*, meus netos me chamam de *você*. Não tem *senhora*.

DOC.: Certo. Então assim, mas não houve uma cobrança sua, deixou eles à vontade ou já orientou a chamar de *você*?

INF.: Não, foi tudo muito natural. Eu me casei muito cedo, também fui vó muito cedo. Fui vó aos trinta e nove anos. Então, não tinha como... mas sempre quis que me chamasse de vó, mas o *você* era inevitável.

A informante 22, de 56 anos, considera *senhor/senhora* como tratamento demarcador de hierarquia e justifica sua preferência pela igualdade e pelo *você*. Além disso, entende que respeito ultrapassa a forma linguística, que, segundo ela, é utilizada também por quem não respeita. Por fim, diz aceitar o tratamento *você* da filha porque, sendo o amor entre elas tão grande, não faria nenhuma diferença ser chamada de *senhora*. Desse modo, a crença consciente permite à falante priorizar a relação em detrimento do tratamento.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *você*, outras por *senhora*. Como prefere ser tratada?

INF.: *Você*.

DOC.: *Você?* Por que *você*?

INF.: Por que eu quero que todo mundo me trate por igual, assim, eu sei que existe respeito. Mas não precisa tá no *senhora*, porque geralmente as pessoas que chamam de *senhora* já não respeita aquele que chama de *senhora*. Então, eu gosto de ser igual, de me ver igual a todo mundo. Não gosto de me ver em hierarquia, entendeu? Então, eu me sinto igual a todo mundo, aí eu quero que me chamem de *você*.

DOC.: Ok. É... E seu fi... e por sua filha adotiva, *você* ou a *senhora*?

INF.: Minha filha ela me chama de *você*.

DOC.: *Você?*

INF.: "*Minha mãe, você. Minha mãe, você...*"

DOC.: Certo. Eh... Prefere ser tratada por *você* por ela, também?

INF.: Prefiro.

DOC.: Por quê?

INF.: Por que eu sinto que o amor que ela tem por mim é muito grande, então, não vai fazer diferença nenhuma ela me chamar de *senhora*.

O informante 19, de 28 anos, é um pai jovem e prefere ser tratado por *você*, de modo geral e pelo filho de 6 anos, porque considera uma forma simples. Para ele, *senhor* é muito formal. Ele está descontinuando um costume familiar, pois entre a família materna, com quem foi criado, a forma respeitosa de tratar os pais é *senhor* e *senhora* e ele mesmo trata pai e mãe assim.

DOC.: Algumas pessoas gostam de ser tratadas por *você*, outras por *senhor*. Como *você* gosta de ser tratado?
INF.: Por *você*.
DOC.: *Você*. Por que você prefere *você*?
INF.: Acho que é mais simples.
DOC.: Certo, *você*. E os seus filhos? Você tem um filho. Por seu filho, você prefere *você* ou *senhor*?
INF.: No caso dele pra mim?
DOC.: Dele pra você.
INF.: *Você* também.
DOC.: Você também. Por que você prefere *você*?
INF.: Acho que... fica, fica uma coisa mais simples. *Senhor* assim fica muito... muito formal.

O *senhor/a senhora* tem sido passado de geração a geração como forma de respeito aos pais e como tratamento respeitoso para os mais velhos. Os idosos atuais, na maioria, foram educados numa época em que não se admitia (era desrespeito) tratar os pais por *você*. Assim, é natural que esperem ser tratados por *o senhor/a senhora*. Historicamente, à mulher coube a tarefa de cuidar do lar e da educação dos filhos, como é o caso das mulheres citadas, passando tradições e valores, como as formas de tratamento.

Além das respostas citadas, 05 de 49 responderam que “tanto faz” serem tratados por *você* ou *o senhor/a senhora* de modo geral, deixando claro que aceitam ambas as formas. São dois homens (64 e 87 anos) e três mulheres (53, 56 e 87 anos). Possíveis explicações são aceitação de *você* de outras pessoas, por não atribuir toda a carga de respeito à forma de tratamento; tendo passado dos cinquenta anos, podem estar acostumados com a alternância de formas. Saber qual das formas utilizar para tratar o interlocutor tem sido uma dúvida frequente, considerando a recusa por *o senhor/a senhora*, talvez por conta de noções como o prolongamento da *juventude* e o desejo de adiar a velhice.

Percebem-se diferentes avaliações do tratamento pronominal em função do interlocutor (geral x filho), marcada pela oposição semântica entre velhice e respeito, amplamente partilhada entre homens e mulheres de diferentes idades.

Entre iguais, a preferência dos soteropolitanos pelo *você* é justificada por não se sentir velho/velha e para se sentir mais jovem. A opção por *você* (jovem) é a recusa por *o senhor/a senhora* (velho/idoso).

Entre pais e filhos, *o senhor* representa o respeito dos filhos pelos pais e, por isso, é almejado.

As explicações dadas pela informante 49, de 11 anos são ilustrativas da oposição *velho* x *respeito*.

DOC.: Porque, assim, se você vai no médico, chama todo mundo de *senhora*, mesmo que seja um bebezinho, né?

INF.: Já, já me chamaram já.

DOC.: E o que que você achou?

INF.: Acho assim, eu não gosto não. Fica parecendo que eu sou velha. [...]

DOC.: [...] E, certo, mas você vai ter filho, né? Já pensou? Vai querer que seu filho lhe chame de *senhora* ou de *você*?

INF.: *Senhora*, porque é respeito.

DOC.: Por quê?

INF.: Porque é respeito pelos pais.

Verificou-se que a maior parte dos que preferem a forma *você* para os pais estão nas mesmas famílias. Essa constatação mostra que o tratamento é parte das convenções familiares e resulta das crenças e atitudes das famílias.

Entre todos os participantes da pesquisa, homens e mulheres de 11 a 87 anos, a maioria absoluta quer ser tratada por *você* de modo geral. A atitude de preferência desta forma implica na recusa da outra, o que pode ser explicado pela valorização da juventude e, neste aspecto, *você* é o tratamento que a representa.

A esse respeito, é oportuna a discussão feita por Britto (2002), que chama a atenção para as representações ideológicas presentes nos adjetivos *novo* e *velho*:

Uma das características da sociedade industrial de massa e que tem a ver com a própria concepção de capitalismo é a idéia de que tudo que é *novo* é bom. Observem como, na cultura em que vivemos, existe uma oposição constante entre futuro como valor positivo e passado como valor negativo. Na bandeira brasileira, não por acaso, lê-se *Ordem e Progresso*. Nós que amávamos tanto a Revolução defendíamos o novo, o eternamente novo.

Vejo contradições muito fortes nessa maneira de pensar que o velho é ruim e que a novidade é um valor positivo. Tem, é verdade, um certo discurso em que a tradição pode reaparecer, mas a tradição que reaparece é a que se manifesta na forma de uma nostalgia que supõe o novo, e o novo é uma espécie de retorno ao antigo. De qualquer maneira, o fundamental nesse raciocínio é que é preciso mudar o presente pelo novo.

O velho é gasto, o velho é puído, o velho é estragado, o velho é ruim. O novo é revolucionário, intacto, melhor, mais bonito, mais elegante, mais confortável, mais. Observem como o conceito de novo e velho obriga a gente a consumir mais roupas, mais carros, mais móveis, mais tudo. Observem como o conceito de novo tende a valorizar todas as invenções mercadológicas e a construir novas necessidades de consumo. Observem como o conceito de novo faz com que o velho não possa ser chamado de velho, precisa ser chamado de pessoa experiente. E a ofensa passa por elogio: *você tem o espírito jovem*, dizem ao velho. Isso é negar que ele é velho, é dizer para ele: *ser velho é ruim*. E uma das maneiras de resolver o problema é trocar a palavra por outra. Velhice se transforma em terceira idade [...] (BRITTO, 2002, p. 142-143).

Ainda vale destacar que 04 de 49, (mulheres de 31, 36, 42 e 53 anos) mostrando maior consciência dos sentidos inculcados nas formas e da adequação da linguagem ao interlocutor, responderam que a forma como gostam de ser tratados depende de por quem as trata:

- a) por *você*, por pessoas sem hierarquia e por *a senhora* pelos sobrinhos e filhos;
- b) por *você*, de modo geral e por *a senhora* pelos alunos e filhos, se fosse mãe;
- c) por *você*, por uma pessoa da mesma idade e por *a senhora* por um homem e pelas filhas.
- d) depende do momento e da pessoa. Pela pesquisadora, por *você*; pelas filhas, *senhora*.

Como afirma Mota (2002, p. 74), “a ocorrência de variantes diafásicas, documentadas em diferentes tipos de discurso mostra-nos a consciência do

falante, que adapta o desempenho à situação imediata do ato de fala, mostrando a sua multidialetoalidade, independentemente de seu grau de escolarização.”

Nas respostas, o sentido de respeito foi explicitado como razão para a preferência por *a senhora*, incluindo o desejo de serem tratadas desse modo pelos filhos.

As crenças mais comuns quanto ao tratamento pronominal fora do contexto familiar são:

- a) *você* é para “os novos” e *o senhor/a senhora* para os mais velhos;
- b) *você* aproxima as pessoas, é informal, impessoal, simplifica a relação, iguala as pessoas e dá liberdade, “quebra” barreiras, deixa o outro à vontade; é mais amigável; é tratamento de intimidade e amizade;
- c) *o senhor/a senhora* é muito formal; imprime respeito; impõe respeito e limite; demarca autoridade e hierarquia; denota e impõe distanciamento; impõe barreira entre as pessoas.

Entre pais e filhos, os sentidos atribuídos às formas são:

- a) *o senhor/a senhora* para os pais significa respeito ou é uma forma de demonstrar respeito; é tratamento normal, usual, aprendido na infância; é próprio para as pessoas mais velhas, o que inclui os pais;
- b) os que utilizam *você* para os pais dizem que a forma possibilita abertura; iguala pais e filhos; é natural na família;
- c) muitos falantes utilizam *você* para tratar os pais como forma secundária, restrita a certos contextos e têm consciência disto. Há casos em que quando se percebem utilizando, corrigem-se porque consideram a forma inadequada ou desrespeitosa ou admitem somente em situações de descontração e de intimidade, apenas em casa, no contexto familiar;

-
- d) um número de falantes utiliza *você* para os pais, mas não tem consciência disto. Enquanto os filhos dizem não utilizar, seus pais dizem ser tratados assim por eles. E, em muitos casos, quando o falante diz não tratar os pais por *você*, dão exemplos de formas nominais acompanhadas por este pronome.

Os que não utilizam *você* evitam porque os pais não permitem ou não permitiriam (seria um desrespeito) ou porque eles também consideram o tratamento desrespeitoso, como aprenderam em família por orientação, correção, exigência ou imposição (essas concepções são quase categóricas nas respostas dos mais velhos sobre a forma que tratam ou tratavam seus pais quando eram vivos (referindo-se a pais falecidos)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na capital da Bahia, predomina a preferência pelo *você* de modo geral e de *o senhor/a senhora* para os pais. As formas pronominais *você* e *o senhor/a senhora* mudam com o passar do tempo e seu emprego varia de acordo com fatores diversos. Nas relações familiares, são fatores que orientam as escolhas das formas, sua manutenção, variação e mudança: as atitudes dos falantes, os contextos de interação, as convenções familiares, a relação entre os indivíduos (pais e filhos), o (não)convívio entre gerações (pais, filhos, avós), características individuais dos sujeitos, gênero/sexo, gerações e fases da vida.

As diferentes avaliações (atitudes) dos soteropolitanos sobre o tratamento pronominal revelam a coexistência de significados opostos:

- *o senhor/a senhora* é visto principalmente como símbolo de respeito, mas também como forma de reconhecimento de hierarquia e demarcador de distância entre pais e filhos;

-
- *você* é percebido como expressão que denota desrespeitoso para alguns e como facilitador ou exemplo de aproximação para outros.
 - Existe a crença de que a forma pronominal *você* seja para “os novos” e *o senhor/a senhora* para os mais velhos;
 - *Você* aproxima as pessoas, é informal, impessoal, simplifica a relação, iguala as pessoas, “quebra” barreiras, deixa o outro à vontade; é mais amigável; é tratamento de intimidade e amizade;
 - *O senhor/a senhora* é muito formal; imprime respeito; impõe respeito e limite; demarca autoridade e hierarquia; denota e impõe distanciamento; impõe barreira entre as pessoas.
 - A maioria dos participantes prefere ouvir *você* de outras pessoas, por/para não se sentir velho, e *o senhor/a senhora* dos filhos, por uma questão de respeito.
 - Nas famílias, predomina *o senhor/a senhora* para tratar os pais, ao lado de *você*, restrito a contextos específicos.

A manutenção de *o senhor/a senhora* deve-se a fatores como a tradição passada de geração a geração, por conta de atitudes dos pais como: ensinar, orientar, corrigir, exigir e impor o tratamento formal.

O estudo de crenças e atitudes pode tanto indicar a direção da mudança linguística quanto esclarecer em que medida fatos linguísticos valorizados ou estigmatizados podem interferir na mudança (AGUILERA, 2008).

Como observado por Meyerhoff (2006), as atitudes dos falantes podem afetar a maneira como os indivíduos falam. Embora este estudo não seja suficiente para indicar mudança linguística em curso nas formas de tratar os pais, atitudes de recusa da forma *o senhor/a senhora* e a aceitação de *você* são indicativos da transformação das relações entre pais e filhos, de mais a menos hierárquicas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Teresa dos Santos; MERCER, Jose Luiz da Veiga. O tratamento em Curitiba: o pronome zero. *Revista Ilha do Desterro*. Florianópolis, Brasil. n. 20, p. 19-30. 1988. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8920/8270>>. Acesso em: 07 maio 2020.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 37, v. 2, p. 105-112, maio-ago. 2008. Disponível em: <www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2012.
- ALMEIDA, Gilce de Souza. *Uso variável dos pronomes-objeto na expressão do dativo e do acusativo de segunda pessoa em Santo Antônio de Jesus - BA*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. 252 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/27593/1/Gilce%20Almeida.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, Marília, v. 18-19, p. 339-382, 1972-1973. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3520/3293>>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. (ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Blackwell Publishing: Malden, USA; Oxford, UK; Victoria, Australia; Berlin, Germany, 1988. p. 156-176. [In: SEBEOK, T. A. et al. *Style and Language*. Cambridge. The M. I. T. Press. 1960, p. 253-276].
- CARNEIRO, Sandra. *“Se eu falar você, painho me mata!”: tratamento entre pais e filhos em Salvador*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. 426 f.
- DEUS, Viviane Gomes de. ^[L]_[SEP] *Você ou tu? Nordeste versus Sul: o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do Projeto ALiB*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. 166 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8422/1/Viviane%20Gomes%20de%20Deus.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2020.
- ERICKSON, Frederick; SCHULTZ, Jeffrey. “O quando” de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Loyola, 2002. Cap. 8, p. 215-234. [When is a context: Some issues and methods in the analysis of social competence. In: _____. *Ethnography and language*. Ablex, 1981, p. 147-160.]
- GÓMEZ MOLINA, José R. *Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multilectal*. València: Facultat de Filologia, Universitat de València, 1988. Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=4yFgM3hVm-AC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 31 maio 2013.

LOPES, Célia Regina; MOTA, Maria Antónia. A percepção e a aceitabilidade de formas de tratamento no português europeu (PE): uma abordagem experimental. *Working Papers in Linguistic*, 20(2), p. 135-174, Florianópolis, ago./dez., 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2019v20n2p135>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

MEYERHOFF, Miriam. Language attitudes. In: _____. *Introducing Sociolinguistics*. London; New York: Routledge, 2006. p. 54-80.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. Formas de tratamento e julgamentos de valor. *Revela*. Ano III, n. VI, 2009.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. Actitudes lingüísticas. In: _____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4. ed. Barcelona: Ariel, 2008. p. 177-190.

MOTA, Jacyra. A variação diafásica no português do Brasil. *Rev. de Letras*, n. 24, v. 1/2, p. 70-74, jan/dez. 2002.

PICCOLO, Alexandre Prudente. *A alternância entre os pronomes "você" e "senhor"*. [s. d.]. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00005.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

PRETI, Dino. Papéis sociais e formas de tratamento em A ilustre casa de Ramires, de Eça de Queiroz. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *A ilustre casa de Ramires: cem anos*. São Paulo: Educ, 2000, p. 85-109.

RAMOS, Jânia. Tratamento na díade pai e filho: usos de *você* e *senhor*. In: COUTO, Letícia Rebollo; LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais = Las formas de tratamiento em español y em português variación, cambio y funciones conversacionales*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 289-301.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. 2ª ed. Rev. e Amp. São Paulo: Loyola, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Respeito Linguístico: contribuições da Sociolinguística Variacionista. *Abralin ao Vivo* - Linguists Online is an initiative of Abralin - Associação Brasileira de Linguística in cooperation with several linguistics associations. Live apresentada por Cristina dos Santos Carvalho [S. l.; s. n.] 08 jul. 2020. 1 vídeo (2 h 04 min e 10 seg).

AS AUTORAS E O PPGLinC

Sandra Carneiro de Oliveira

Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (2014) e professora Adjunto da Faculdade de Educação da UFBA desde 2018, onde atua na área de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa. Foi professora do ensino básico, técnico e tecnológico, de nível superior em outras universidades públicas e da educação básica. A realização do doutorado em Língua e Cultura, sob a orientação da professora Jacyra Andrade Mota, significou a concretização de um projeto pessoal e profissional. Foi uma etapa fundamental de construção de conhecimentos, o que lhe possibilitou, inclusive, retornar para a instituição como docente.

Jacyra Andrade Mota

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1961), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1980) e doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Professora concursada com a tese Vogais antes de acento em Ribeirópolis, Sergipe (UFBA, 1980). Co-autora do Livro das Aves (1965); do Atlas Lingüístico de Sergipe (1987); e do Atlas Linguístico do Brasil (2014). Professora Associada II da Universidade Federal da Bahia. Credenciada como Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) através do Programa Especial de Participação de Professores Aposentados (PROPAP). Pesquisadora e bolsista de Produtividade I-B do CNPq, atua, principalmente, nas subáreas: Sociolinguística e Dialectologia, participando dos seguintes projetos: Atlas Linguístico do Brasil (Presidente do Comitê Nacional que o coordena, desde setembro de 2018) e NURC (integrante do grupo que o implantou em 1970). O processo de concessão do Título de Professor Emérito, proposto pelo Instituto de Letras da UFBA, em junho de 2017, encontra-se em andamento.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 26 de setembro de 2020.

Aprovado em sistema duplo cego em: 04 de março de 2021.